

LINGUÍSTICA APLICADA E EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE: CORRELAÇÕES POSSÍVEIS

Rita Roberta MARIOTO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Instituto Federal São Paulo – IFSP

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar correlações possíveis entre a epistemologia da complexidade e a Linguística Aplicada (LA). Para isso, recorre-se a um levantamento da história e do desenvolvimento da LA desde seu surgimento, apontando marcos relevantes em sua construção como campo do conhecimento. Em seguida, apresentam-se fundamentos do Pensamento Complexo sob a perspectiva de Morin (2000, 2007, 2015), conceituando os operadores de religação do Pensamento Complexo. A partir do histórico da LA e dos pressupostos do Pensamento Complexo, observa-se como os operadores da complexidade podem ser identificados na dinâmica das correlações criadas pela LA em seu desenvolvimento como campo do conhecimento.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Operadores de Religação; Pensamento Complexo; Epistemologia

APPLIED LINGUISTICS AND EPISTEMOLOGY OF COMPLEXITY: POSSIBLE CORRELATIONS

Abstract: This article aims to present possible correlations between the epistemology of complexity and applied linguistics (AL). For this, a survey of the history and development of AL since its appearance is conducted, pointing out relevant milestones in its construction as a field of knowledge. Then, fundamentals of complex thought are presented from the perspective of Morin (200, 2007, 2015), conceptualizing the principles of way of thinking. From the history of AL and the assumptions of complex thought, it is observed how the operators of complexity can be identified in the dynamics of the correlations created by AL in its development as a field of knowledge

Keywords: Applied Linguistics; Operators of Complexity ; Complex Thought; Epistemology

LINGÜÍSTICA APLICADA Y EPISTEMOLOGÍA DE LA COMPLEJIDAD: POSIBLES CORRELACIONES

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar posibles correlaciones entre la epistemología de la complejidad y la lingüística aplicada (LA). Para esto, se utiliza una encuesta de la historia y el desarrollo de LA desde su aparición, señalando hitos relevantes en su construcción como un campo de conocimiento. Luego, se presentan los fundamentos del pensamiento complejo desde la perspectiva de Morin (200, 2007, 2015), conceptualizando los operadores de reconexión del pensamiento complejo. A partir de la historia de LA y los supuestos del pensamiento complejo, se observa cómo los operadores de complejidad pueden identificarse en la dinámica de las correlaciones creadas por LA en su desarrollo como un campo de conocimiento.

Palabras clave: Lingüística aplicada; Recablear operadores; Pensamiento complejo; Epistemología

INTRODUÇÃO

É possível pensar no percurso da Linguística Aplicada (LA) como um campo de conhecimento que se relaciona com o Pensamento Complexo, como o concebe Edgar Morin (2000, 2007, 2015)?

Essa pergunta é uma provocação que motiva reflexões acerca do percurso da Linguística Aplicada como campo do conhecimento, bem como suas correlações com temas da contemporaneidade.

Essa reflexão também é oportuna pelas indagações que orientam atualmente a LA. No ano de 2017, o Congresso Mundial de Linguística Aplicada, promovido pela Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), foi realizado no Brasil, no Rio de Janeiro, com o tema “Inovações e Desafios Epistemológicos na Linguística Aplicada”, e contou com a participação de nada menos de 1600 interessados de diferentes países, com 6 sessões plenárias, 19 simpósios convidados e 900 comunicações individuais. O painel representado pelos números do evento é um indicador da vitalidade da Linguística Aplicada e da multiplicidade de temas abraçados pelos seus estudos.

Olhar para sua própria caminhada é um fazer que também identifica o linguista aplicado, ou, como assinala Moita Lopes (2006, p.17), a LA realiza uma “reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente”. É o que se nota desde as primeiras discussões na

área - como, por exemplo, a concepção de Linguística Aplicada como aplicação da Linguística - até os questionamentos trazidos pela perspectiva da Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 2006, p. 67). É uma trajetória que perpassa aproximadamente 70 anos de desenvolvimento e representa uma caminhada de permanente construção e reconstrução diante do modo de produzir conhecimento.

Este artigo, em consonância com o movimento de reflexão da LA sobre si, tem por objetivo apresentar uma possibilidade de se pensar o desenvolvimento histórico e epistemológico da LA a partir da perspectiva da Complexidade, construindo conexões possíveis entre os conceitos desenvolvidos por Morin (2000, 2007, 2015) e as relações que a LA estabeleceu com o paradigma de pensamento vigente na época de sua origem, com outras áreas em sua posterior consolidação e com as demandas que a desafiam na contemporaneidade.

Para a presente reflexão, inicialmente será apresentada uma síntese do percurso histórico da LA, seguido pela apresentação de elementos do Pensamento Complexo, para que se possa, por fim, abordar a correlação possível entre ambos.

1. LINGUÍSTICA APLICADA: TÓPICOS DO PERCURSO HISTÓRICO

A Linguística Aplicada surgiu em meados da década de 40 e apresenta como marco de sua origem a publicação do *Journal of Language Learning: A Journal of Applied Linguistics* (DAMIANOVİ, 2005, p.183). Do ponto de vista histórico, o surgimento da LA vincula-se ao desenvolvimento de metodologias de ensino de segunda língua (L2) no contexto da Segunda Guerra Mundial. Essa demanda decorreu da necessidade do desenvolvimento de formas de ensino que fossem mais velozes e eficientes, uma vez que o ensino de língua realizado como o ensino de gramática e tradução não atendia à necessidade imposta pelo contexto da época (SOUSA; ANDRADE, 2016, p. 6).

Em relação ao desenvolvimento de metodologias do ensino de línguas, ganharam relevo os estudos de Jack C. Richards e Theodore S. Rodgers, cujas proposições metodológicas basearam-se em conceitos da Linguística e da psicanálise, como o método áudio-lingual, que se desenvolve com base em teorias behavioristas e reflete a influência do Estruturalismo norte-americano nas reflexões iniciais da LA (SOUSA; ANDRADE, 2016, p. 7). O contexto histórico e teórico que marcou o surgimento da LA é profundamente identificado pela ideia de que a

Linguística é a disciplina central e que de seu projeto teórico daria conta das questões relacionadas ao ensino de línguas.

Do ponto de vista da evolução das concepções de conhecimento e relação entre as áreas, a década de 50 não apresentou alterações significativas, porque a LA continuou centrada no ensino de línguas a partir dos conceitos da linguística.

Os anos 60 são marcados pela fundação, em 1964, da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) e, em 1966, pela criação da Associação Britânica de Linguística Aplicada (BAAL), marcando uma ampliação dos estudos da LA (DAMIANOVI, 2005, p.183).

É a partir dos anos 70 que se verifica o início de uma abertura epistemológica da LA em dois sentidos primordiais: primeiro, na ampliação do espectro temático e metodológico, e segundo, na construção de um diálogo com outras áreas do conhecimento. É também na década de 70 que a LA chega ao Brasil por meio da fundação do primeiro programa de pós-graduação da área, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nos anos 80, a LA consolida sua expansão para além do horizonte das questões de ensino e aprendizagem de línguas. “Essa expansão foi registrada pelos extensivos trabalhos publicados ao longo dos dez primeiros anos do *Journal of Applied Linguistics* e do *Annual Review of Applied Linguistics* (ARAL), fundado em 1980 (DAMIANOVIC, 2005, p.185). É também em meados na década de 80 que a LA consolida o diálogo com outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, desenvolvendo o caráter interdisciplinar.

Entretanto, para Rojo (2006, p. 255):

Os efeitos epistemológicos desses movimentos de apropriação sucessiva e variada são visíveis: se, por um lado, os diversos fundamentos – psicológicos, psicolinguísticos, sociológicos e linguísticos – adotados pelos pesquisadores no campo nas últimas décadas tornam possível falar de sucessivas noções de sujeito (biológico, psicológico, social, discursivo) subjacentes às investigações, por outro lado, a noção de historicidade (de objeto, do sujeito) não pode ser posta, senão recentemente, quando da emergência dessas pesquisas de fundamento discursivo e sócio-histórico.

Dessa forma, a ampliação ocorrida em meados dos anos 80, embora tenha sido significativa do ponto de vista de ampliação de elementos fundamentais para os estudos de

linguagem, como a noção de sujeito, a incorporação de uma perspectiva sócio-histórica ainda não se realiza plenamente.

É a partir de meados dos anos 90 que o escopo de pesquisas da LA alarga-se, incorporando uma sensibilidade maior a questões históricas e sociais. Estudos como os das práticas de linguagem em ambientes empresariais, contextos de aprendizagem não escolares, as trocas linguísticas e seu papel na construção das identidades de gênero, raça, sexualidade entre outros passam a ser pauta da LA.

Nos últimos vinte anos, Grabe (2012, p.4) identifica na LA ao menos sete ênfases que contribuem para a um mapeamento de alguns tópicos emergentes nos estudos da área: a pesquisa em ensino de línguas focalizando a interação e a formação de professores como agentes reflexivos; o papel dos estudos críticos e suas repercussões nos estudos linguísticos; as questões relacionadas ao uso da linguagem em ambiente acadêmico e ocupacionais; análise descritiva da linguagem em situações reais e sua aplicação na Linguística *corpus*; o multilinguismo e a interação bilíngue em contextos diversificados; reflexões sobre testes e avaliações de linguagem e as perspectivas e recursos fornecidos pelos estudos de neuroLinguística associados à aprendizagem de línguas.

O painel histórico sintetizado mostra que a LA, dos anos 40 até dos dias atuais, percorreu uma caminhada cujos marcos referenciais podem ser assim sintetizados: primeiramente, sua origem a partir da Linguística, nos anos 40. Em seguida, o período de consolidação dos anos 50 e 70, seguida da ampliação a partir dos anos 80 e 90, e suas perspectivas atuais. Esses marcos temporais permitem observar a dinâmica da construção da LA e serão estudados a partir dos referenciais teóricos do Pensamento Complexo.

2. O PENSAMENTO COMPLEXO

O Pensamento Complexo, conforme apresentado por Morin (2007, 2000, 2015), norteia-se pela proposição de uma *religação dos saberes*, a ser desenvolvida na base do pensamento da ciência, da concepção de ser humano e de sua ação na sociedade e na natureza.

A crítica central do Pensamento Complexo recai sobre o que Morin (2010, p. 59) denomina paradigma de simplificação ou da inteligibilidade da ciência clássica.

O Pensamento Complexo, embora reconheça que o modelo tradicional da ciência foi frutífero até meados do século XX, entende que atualmente esse modelo não responde mais às indagações do nosso tempo e sua aplicação resulta em um tipo de saber que separa, desune e fragmenta em disciplinas não comunicantes o conhecimento da realidade. O modelo cartesiano fez surgir na ciência moderna ocidental a dualidade central que opõe o universo objetivo (*res extensa*), contemplado pela ciência, e o *ego cogito*, o subjetivo, separando o sujeito observador e a coisa observada. Essa disjunção conduziu a um modelo de pensamento que separa e fragmenta para conhecer, conduzindo a uma hiperespecialização que despedaça e fragmenta, que fez crer “que o corte arbitrário operado no real era o próprio real” (MORIN, 2010, p.12).

Para Morin (2000, p. 13):

Há uma inadequação cada vez mais profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Esse paradigma, de natureza newtoniana-cartesiana, caracteriza-se pelo modelo científico que pode ser identificado por uma série de princípios: princípio da universalidade, ou seja, o local e o singular são apagados, percebidos como residuais; pelo princípio da irreversibilidade temporal, que não leva em conta os aspectos históricos e eventuais no fazer científico; pelo reducionismo, ou seja, pela concepção de que um todo pode ser conhecido a partir do estudo das suas partes isoladas; pela causalidade linear; pela ordem como característica primordial das explicações científicas, eliminando todos os fenômenos aleatórios; pela separação do objeto em relação a seu ambiente e do sujeito em relação ao objeto; pela confiabilidade absoluta na lógica, que vê na contradição um erro do pensamento, construindo um modo de pensar por ideias “claras e distintas”, inscritas em um discurso monológico (MORIN, 2018, p. 331).

O Pensamento Complexo identifica-se como uma proposição epistemológica de religação dos saberes, indagando as disjunções que caracterizam o paradigma simplificador. Assim, é da proposta do Pensamento Complexo (MORIN, 2018, p. 332) a expansão do princípio da universalidade, ou seja, é de natureza complementar e inseparável a integração entre o global e o local e singular, bem como o reconhecimento dos fatores históricos e eventuais nas descrições e explicações propostas pela ciência.

O Pensamento Complexo também afirma que não se pode compreender o objeto em função da dissociação entre suas partes elementares, pois, assim como em um holograma, cada parte contém informações do todo e este, por sua vez, contém as informações das partes. Além disso, as relações parte-todo não podem ser compreendidas como um jogo de montagem, em que a conexão entre peças bem delimitadas forma uma imagem total do objeto. Ao contrário, a soma das partes pode gerar mais do que o todo, dando origem as denominadas *emergências*, e este todo, por sua vez, guarda em sua natureza a incompletude sistêmica, ou seja, o *todo* não pode ser compreendido como uma substância delimitada – “o todo não é uma capa” (MORIN, 2018, p. 259) -, pois está sempre em função de outros sistemas.

A realidade, dessa forma, encontra-se em correlação sistêmica, estruturando-se em forma de uma estrutura dinâmica que permanentemente se (re)organiza, desorganiza e se reestrutura, estabelecendo novas conexões e centralidades. A *auto-eco-organização* é um fenômeno característico das estruturas complexas.

O conceito de causalidade, no Pensamento Complexo, é compreendido a partir da causalidade complexa. Em um sistema complexo, as consequências permanentemente retroagem nas causas, gerando um fluxo constante em que uma causa apresenta uma consequência e esta, por sua vez, se reintegra ao sistema como causa. Dessa forma, a visão de que uma consequência pode ter apenas uma causa e vice-versa não corresponde ao que propõe o Pensamento Complexo, ou seja, para a causalidade complexa, as inter-retroações, atrasos, sinergias, desvios e reorientações devem ser contempladas em um sistema complexo operante. A ação dinâmica entre ordem, desordem, interação e organização compõem o denominado *tetragrama da complexidade* (MORIN, 2018, p. 264).

O Pensamento Complexo condiciona também a distinção, mas não a separação, entre o objeto e seu ambiente, ou seja, para que se possa conhecer, é necessário observar as relações entre o objeto do conhecimento e as interações entre esse objeto e o ambiente ao qual ele se integra. Assim como as organizações biológicas, o pensamento também apresenta correlações ecossistêmicas. O papel do observador também é fundamental no Pensamento Complexo, ou seja, a cisão entre o observador e o observado, proposta pelo paradigma simplificador, é substituída pela inserção do observador/concebedor na observação ou experimentação, sendo

necessário “introduzir o sujeito humano – situado e datado cultural, sociológica e historicamente – em estudo antropológico ou sociológico” (MORIN, 2018, p. 333).

O Pensamento Complexo também considera os limites da lógica, reconhecendo que os sistemas complexos apresentam contradições ou associações entre elementos opostos ou concorrentes como parte inerente da natureza de certos fenômenos. Assim, o pensamento por macroconceito permite ligar ideias ou noções eventualmente antagônicas ou opostas para a compreensão dos sistemas complexos.

O Pensamento Complexo propõe, portanto, a religação dos conhecimentos, contemplando, na construção dos saberes, as incertezas, as contradições, a ordem e a desordem, a transdisciplinaridade e a reintegração do homem ao conhecimento. A proposta do Pensamento Complexo reivindica a ideia de que o conhecimento das partes e o conhecimento do todo não podem ser dissociados um do outro, pois atuam em cooperação. Contrapondo-se à fragmentação dos conhecimentos, o Pensamento Complexo reconhece os fenômenos de forma multidimensional, assim como identifica, na realidade, de forma concomitante e solidária, a presença de antagonismos que operam sistemicamente de modo a construir sua ação de acordo com um processo de autorregulação. (MORIN, 2000, p.88)

Para Morin (2015, p. 109), entretanto, não é suficiente afirmar que é necessário religar; deve-se, para isso, ter estruturas cognitivas, conceitos e concepções, que permitam realizar essa religação. Essas estruturas são denominadas *operadores de religação*: o operador sistêmico, o operador recursivo ou da causalidade circular, o operador dialógico e o operador hologramático.

O *operador sistêmico* é o conceito que permite conceber as estruturas complexas como conjuntos que se estruturam em organizações típicas, permitindo coligações que eliminam os conhecimentos fragmentários.

O *operador hologramático* refere-se à concepção de que cada parte em um sistema traz características do todo e este, por sua vez, deve ser compreendido considerando suas partes. Assim, um indivíduo existe em uma sociedade e a sociedade existe no indivíduo; somos formados pelas características que a cultura impingiu a cada ser, pela individualidade construída dentro desse sistema e pela natureza biológica que nos identifica como matéria viva em cada uma de nossas células.

O *operador dialógico* refere-se à associação complementar de antagonismos que permitem religar ideias que naturalmente são excluídas para a compreensão de sistemas complexos.

O *operador recursivo* diz respeito à ideia de circuito autorregenerador ou recursivo, ou seja, a de um circuito no qual “os efeitos e os produtos tornam-se necessários à produção e à causa daquilo que os causa e daquilo que os produz.” (MORIN, 2015, p. 111).

Os operadores da Complexidade agem simultaneamente e permitem observar a dinâmica dos fenômenos e refletir sobre sua natureza e funcionamento. A partir das proposições do Pensamento Complexo e da construção da LA como campo do conhecimento, serão observadas as possíveis aproximações entre ambos.

3. LINGUÍSTICA APLICADA E COMPLEXIDADE: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

O percurso desenvolvido pela LA do seu início até os dias de hoje pode ser analisado a partir das proposições do Pensamento Complexo sob dois aspectos, aqui desenvolvidos: inicialmente, a partir da identificação das características do paradigma simplificador no início do desenvolvimento da LA e como, após as décadas de 50 e 60, a LA construiu um movimento de ruptura sistêmica em relação ao paradigma tradicional. Em seguida, como os operadores da complexidade podem contribuir para a reflexão sobre a LA e as relações estabelecidas por ela com outras áreas do conhecimento.

Ao observarmos o percurso da LA, identificamos que esse campo do conhecimento se construiu, em sua origem, nos anos 40, a partir dos estudos linguísticos desenvolvidos com as perspectivas do paradigma do conhecimento tradicional, especialmente representado, na Linguística, pelo Estruturalismo, que emprestava seus preceitos à disciplina que surgia. Nesse período, a LA desenvolveu-se como a aplicação dos conceitos da Linguística em questões relacionadas ao ensino de língua. O paradigma de simplificação pode ser identificado nesse período uma vez que a mera aplicação de um referencial teórico tradicional em problemas que surgem da complexificação da sociedade não produz respostas satisfatórias às novas indagações.

Esse reducionismo é também apontado por Moita Lopes (2006, p.18):

O simplismo aqui é claro. Como é possível pensar que teorias linguísticas, independente das convicções dos teóricos, poderiam apresentar respostas para a problemática do ensinar/aprender línguas em sala de aula? Uma teoria Linguística pode fornecer uma descrição mais acurada de um aspecto linguístico do que outra, mas ser completamente ineficiente do ponto de vista do processo de ensinar/aprender línguas.

Entretanto, essa formulação reducionista, como aponta o próprio Moita Lopes (2006, p. 18), foi criticada e revista pela LA em décadas subsequentes. No desenvolvimento de suas perspectivas a partir dos anos 70 e 80, e em sua consolidação, a partir dos anos 90, a LA amplia seu espectro temático e metodológico e passa a desenvolver um diálogo com outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a antropologia, a sociologia entre outras.

Essa interação da LA com essas outras áreas do conhecimento pode ser compreendida a partir das relações sistêmicas propostas pelo Pensamento Complexo. O operador sistêmico pode ser identificado quando se percebe uma oposição à visão reducionista do conhecimento, compreendendo que um todo é mais do que a soma simples das partes.

A LA, ao ampliar seu escopo teórico e metodológico, passa a ter objetos de pesquisa que levam em conta não apenas o fato linguístico isolado e compartimentado, mas também as relações entre a língua e a sociedade, tomando a sala de aula, por exemplo, a partir da perspectiva da interação, das relações entre a cultura e a língua e o papel da linguagem nas perspectivas das minorias.

Considerando a LA como um campo de conhecimento, ou seja, como um todo, ela interage sistemicamente com outras disciplinas a partir de empréstimos teóricos, que na presente reflexão correspondem às partes, e que contribuem produtivamente para ampliar a reflexão sobre as relações entre linguagem-sujeito, linguagem-sociedade, linguagem-educação, linguagem-tecnologia e outros pontos de contato semelhantes.

As relações da LA com a Linguística também podem ser compreendidas nesse movimento sistêmico complexo porque, embora LA se tenha consolidado como um campo próprio de conhecimento em relação à sua origem, a LA não rompeu em definitivo com a Linguística e manteve, como até hoje ainda o faz, elos sistêmicos com sua área de origem, especialmente no que se refere às discussões mais relacionadas aos fenômenos da linguagem propriamente dita. Um momento que representa essa influência pode ser exemplificado

especialmente nos anos 70, quando as perspectivas da Linguística gerativa produziram grande impacto na LA da época e, contemporaneamente, quando tomamos os estudos fonéticos que baseiam da Linguística de *corpus*.

Essa relação parte/todo também pode também ser compreendida a partir do operador hologramático. Se não podemos afirmar que a LA se restringe à Linguística, como no início dos estudos, também não podemos dizer, por outro lado, que ela é a pura aplicação de teorias dos campos das Ciências Sociais em linguagem, porque a LA tem uma agenda própria que extrapola os limites do que seria a mera presença de uma referência externa nos estudos de linguagem.

Essa agenda própria da LA evidencia-se pela presença de estudos e proposições conceituais cujo espectro teórico permite analisar questões que vão desde os estudos de neuroLinguística aplicados ao ensino de línguas até questões sociais, como as denominadas teorias transgressivas, que reivindicam a “necessidade crucial de ter instrumentos tanto políticos como epistemológicos para transgredir as fronteiras do pensamento e da política tradicionais” (PENNYCOOK, 2006, p.82).

Para se compreender a extensão dos horizontes da LA, pode-se recorrer ao que o Pensamento Complexo identifica como multirreferencialidade. Para Ardoíno (2001, p. 554):

[...] trata-se de levar em conta e iluminar a heterogeneidade. É, portanto, sobretudo, uma pluralidade de olhares, tanto concorrentes quanto eventualmente mantidos unidos por um jogo de articulações, que vai especificar melhor essa abordagem. Não somente os diferentes sistemas de referência, reciprocamente, mutuamente outros, interrogam o objeto a partir de suas perspectivas e de suas lógicas respectivas, mas ainda se questionam, se necessário contraditoriamente, entre eles, alteram-se elaboram significações mestiças, em favor de uma história.

A dinâmica dessas relações também não pode ser compreendida sem a contribuição dos outros dois operadores da Complexidade: o operador dialógico e o recursivo. Esses operadores se evidenciam notadamente quando observamos que a LA, ao se relacionar com as demais áreas do saber, o faz a partir de seu olhar, reintroduzindo, em seu sistemas de saberes, os conhecimentos de forma a reformulá-los, interpretá-los, discuti-los e compreendê-los segundos a natureza de suas propostas, evidenciando o caráter recursivo dessa dinâmica.

A LA também não é um espaço de diálogo homogêneo e cristalizado. Nota-se pela pluralidade de temas que aborda, pela diversidade de metodologias, pela interação com áreas e presença em espaços cada vez mais politizados e críticos que a LA não tende a perceber-se como uma unidade monolítica, delimitada pelas bordas, mas como um sistema dinâmico, autorregulado e ecologizado, que toma a linguagem como linha de irradiação para se realizar em diversos núcleos que operam em permanente correlação. Como afirma Fabrício (2006, p. 62), “Desaprender’ a noção de negatividade atribuída à mestiçagem e apostar na fluidez e nos entre-espaços como um modo privilegiado de construção de conhecimento sobre a vida contemporânea é, assim, um grande desafio. É para esse lugar que a LA parece caminhar.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando a questão motivadora da presente reflexão, ou seja, se é possível relacionar o Pensamento Complexo e a Linguística Aplicada, observamos que o Pensamento Complexo permite compreender a dinâmica inerente à LA, sob o ponto de vista de sua construção histórica como campo de saber, a partir dos seus operadores de relação, ou seja, é possível haver correlações entre a LA e o Pensamento Complexo.

Observa-se que as discussões do Pensamento Complexo sobre os paradigmas de pensamento e os operadores contribuem para refletir sobre o percurso da LA e suas discussões sob uma perspectiva mais abrangente e não dicotômica. Assim, o olhar da Complexidade não desarticula as discussões da perspectiva crítica, por exemplo, daquelas que, na origem da LA, contribuíram conceitualmente para que as questões emergentes na sociedade pudessem ser abraçadas pela LA. Por outra via, coloca-as sob construtos teóricos, como os operadores de relação, que permitem observar a dinâmica da LA sob uma perspectiva ecologizada, sistêmica, multirreferencial e dialógica.

As observações empreendidas, sem pretender oferecer uma resposta reduzida para uma discussão ampla, buscaram pontuar elementos que permitem olhar para a LA sob um enfoque epistemológico que motive a ampliação dos debates e contemple a dinâmica de um campo do conhecimento que tanto tem contribuído para as reflexões científicas desde sua origem até as mais relevantes questões contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, J. A complexidade. In: MORIN, E. A religação dos saberes – o desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. 11ª ed., São Paulo: Bertrand Brasil, 2001, p. 548-558.

DAMIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & Ensino*, v. 8, no.2, 2005, p. 181-196.
<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y6VZ7S9HWMgJ:https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/download/15620/9807+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 14 jun 2019.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, L. P., FABRÍCIO, B. F. [et alli] (ogs.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-66.

GRABE, W. Applied Linguistics: An Emerging Discipline for the Twenty-First Century. In: KAPLAN, R.B. (Org.). *The Oxford Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 3-12. Disponível em:
<https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195384253.001.0001/oxfordhb-9780195384253-e-2>. Acesso em 10 jun 2019.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P., FABRÍCIO, B. F. [et alli] (ogs.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 11-44.

MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Trad. Eliane Lisboa. 3ª ed., Porto Alegre: Sulinas, 2007.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 22ª ed., Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

MORIN, E. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P., FABRÍCIO, B. F. [et alli] (ogs.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P., FABRÍCIO, B. F. [et alli] (ogs.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 253-276.

SOUSA, Adriano de Alcântara Oliveira.; ANDRADE, Júlia Maria Muniz. *Linguística Aplicada: um percurso histórico*. *Revista Ininga*. Teresina, PI, v. 3, n. 1, p. 03-12. jan./jun. 2016. Disponível em:



<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5kxUfCdVylcJ:https://ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/download/5823/3621+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 14 jun 2019.

Rita Roberta MARIOTO

Doutoranda do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), mestra pela Universidade de Taubaté (UNITAU). É professora do Instituto Federal São Paulo (IFSP). Integra o Grupo de Pesquisas sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (GPeAHC) – PUC. É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 24/04/2020 - Aceito em 06/06/2020